

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica Class.: 15

Data 28 de Dezembro de 1987 Pg.: _____

4468

Félix Valois

Papai Noel e Balbina

Ultrajaram os índios, destruíram a floresta, mataram os peixes, fizeram os estragos possíveis e imagináveis... e Balbina deu em nada. A coisa seria engraçada se não fosse trágica. É impressionante como se trata o interesse público com uma negligência absurda e revoltante, parecendo que o dinheiro do contribuinte não merece qualquer tipo de respeito. Tudo porque, na época em que o povo estava totalmente amordaçado, um grupelho de tecnocratas, a serviços de objetivos escusos, entendeu de acreditar na mentira do "milagre econômico" e impingir, à conta dele, um aglomerado de obras que satisfizessem suas megalomanias.

Balbina não tem água. E agora? Vamos nos queixar para quem? Então você não viu, minha cara leitora, a britânica fleugma do diretor da Eletronorte ao comentar a terrível notícia que este jornal divulgou? Faltava-lhe apenas o cachimbo para a perfeita similitude com o mais aristocrata dos lordes ingleses. "Se Balbina não der certo, o jeito é racionar energia até o ano de 1996". Mas onde já se viu tamanha desfaçatez! Em que terra estamos? Bilhões de cruzados são gastos ao longo de anos e como resultado o que obtemos é a mais singela das dúvidas a respeito da viabilidade do empreendimento. Algo assim como se se tratasse de gastar cinquenta cruzados num volante da loto esperando que a sorte grande caia do céu.

Quando, meses atrás, a Rede Calderaro, a Universidade e a Associação Comercial promoveram um seminário sobre Balbina, lembro-me de que os representantes da Eletronorte foram de uma incisividade que raiava

a empáfia. Insensíveis às críticas que lhes eram dirigidas por ecólogos e indigenistas, teimaram na sustentação da excelência da hidrelétrica, sem embargo de não poderem fugir à evidência de que ela já nascera defasada. Eu mesmo escrevi nestas páginas um artigo em que, comentando os trabalhos do seminário, disse que Balbina não passava de um monstinho.

Gostaria de ver agora esses donos da verdade explicarem que o caso não é mais de simples defasagem, mas de total inutilidade da coisa. Por certo vão apelar — eu já li referências a isso — para problemas climáticos ocorridos no Oceano Pacífico ou, talvez, para o aumento da quantidade de grãos de areia no deserto de Saara, tudo a servir de justificativa para a imprevidência que faz rima perfeita com incompetência.

E tudo isso acontece no Amazonas e fica por isso mesmo. Veja a estupidez: se, como quer o britânico dirigente da Eletronorte, em 1996 a hidrelétrica de Cachoeira Porteira, no Pará, vai ter condições de abastecer Manaus e outras cidades do Estado de energia elétrica, por que fizeram Balbina? Por que não se adotou um programa intermediário, emergencial, para atender a nossa demanda até aquela data?

Ora, racionamento. Era só o que faltava ainda termos que sofrer esse vexame, altamente prejudicial e desconfortável, pagando pela culpa de quem não soube fazer o mais elementar planejamento. O que é preciso racionar com a maior urgência é a liberdade de ação dos que tripudiam sobre o povo, obrando — no mais literal sentido que tal palavra possa ter — de maneira que torna insuportável

a presença nas proximidades de seres humanos normais.

Deve haver racionamento da baldalha e da esbórnia a quem estão submetendo os dinheiros públicos. Porque não se esqueça disso: se Balbina se confirmar como o fiasco que se denuncia, ninguém, mas ninguém mesmo, minha cara eleitora, vai devolver o seu dinheiro que acabará transformado numa imensa e horrível piscina que não servirá sequer para que nela se afoguem os insanos autores da faraônica construção.

E olhe que já veio Sarney e comitiva abrir barragem e ligar turbina (se for abrir turbina e ligar barragem dá tudo na mesma). Tudo no melhor estilo que a mais alta riqueza está a exigir, com avião fretado, banda de música, puxa-saco e quejandões. E para quê? Para nos dizerem agora que tenhamos paciência porque estamos só dependendo da chuva para encher o monstrengo. O jeito é chamar o primeiro pajé que encontrarmos para iniciar a dança respectiva, sem o que a Eletronorte vai ter que pedir ajuda do Corpo de Bombeiros. Alguns carros-pipa devem amenizar o problema.

Chamei a Lucinha à colação e lhe perguntei o que vai encher primeiro, Balbina ou o saco do povo? Ela não foi tão solítica como das outras vezes, talvez pela vulgaridade da indagação, mas não me negaceou de todo o auxílio de sua sabedoria: "Pai, o do povo parece que já está cheio há muito tempo. Mas eu estou pensando mesmo é como deve estar cheio o saco de Papai Noel se ele colocou dentro metade da vergonha que está faltando em muita gente por aí".